



Gordon H. Clark



*Senhor Deus  
da Verdade*





Neste livro temos dois dos melhores teólogos e filósofos cristãos lidando com a questão da “epistemologia”, o estudo sobre a natureza e os modos do conhecimento. Dito de modo simples, este livro é um estudo introdutório sobre como o ser humano sabe o que sabe. Dr. Clark, que escreveu *Senhor Deus da Verdade*, foi um erudito do século XX, enquanto Agostinho, que escreveu *De Magistro*, viveu em fins do quarto século e início do quinto de nossa era. Esses dois homens defendem a visão epistemológica do racionalismo bíblico (*i.e.*, que a verdade só pode ser encontrada mediante o estudo lógico da Palavra de Deus), enquanto ao mesmo tempo mostram que o conhecimento não pode ser alcançado por meio do método do empirismo.

— **Dr. W. Gary Crampton**

Autor, *O escrituralismo de Gordon Clark*

Aqui estão dois dos maiores teólogos na história da Igreja. Ambos lidando com uma teoria cristã do conhecimento no que concerne a Deus e ao homem. Esses dois livros são teorias básicas sobre epistemologia. É necessário que leitor dedique atenção especial à maneira erudita com a qual Clark e Agostinho defendem uma fé cristã racional baseada numa teoria *a priori* em contraposição a uma visão *a posteriori* de conhecimento baseado no empirismo. Há certa discrepância na forma como eles iniciam seus tratados, contudo ambos conjuntamente afirmam que o cristianismo é inteiramente racional e, de igual modo, a única teoria da verdade justificável para o homem conhecer a verdade de maneira absoluta.

— **Dr. Kenneth Gary Talbot**

Presidente e Professor de Teologia e Apologética,  
Whitefield Theological Seminary

*Senhor Deus da Verdade* é um livro maravilhoso, explicando habilmente o porquê a revelação divina proposicional é indispensável para o conhecimento verdadeiro, algo distinto da mera opinião. Os leitores encontrarão aqui uma introdução extraordinária à epistemologia cristã.

— **E. Calvin Beisner**  
Autor, *Deus em três Pessoas*

Este é um livro excelente. Apenas leia!

— **Vincent Cheung**  
Autor, *Questões últimas*

**Gordon H. Clark**

*Senhor Deus  
da Verdade*



**EDITORA  
MONERGISMO**

BRASÍLIA, DF

Copyright © 1994, de John W. Robbins  
Publicado originalmente em inglês sob o título  
*Lord God of Truth and Concerning the Teacher*  
pela The Trinity Foundation,  
Post Office 68, Unicoi, Tennessee, 37692, EUA.

*Todos os direitos em língua portuguesa reservados por*  
EDITORA MONERGISMO  
SIA Trecho 4, Lote 2000, Sala 208 — Ed. Salvador Aversa  
Brasília, DF, Brasil — CEP 71.200-040  
www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2018

Tradução: *Ângelo Ricci (De Magistro),  
Felipe Sabino de Araújo Neto, Marcelo Herberts*  
Revisão: *Fabrizio Tavares de Moraes*  
Capa: *Bárbara Lima Vasconcelos*  
Diagramação: *Marcos Jundurian*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,  
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da  
Versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA),  
salvo indicação em contrário.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Clark, Gordon H; Agostinho, Aurélio  
Senhor Deus da Verdade & De Magistro / Gordon H. Clark;  
Aurélio Agostinho, tradução Ângelo Ricci, Felipe Sabino de Araújo  
Neto e Marcelo Herberts – Brasília, DF: Editora Monergismo,  
2018.

156 p.; 21cm.

Título original: *Lord God of Truth and Concerning the Teacher*

ISBN 978-85-69980-65-0

1. Filosofia 2. Apologética 3. Teologia I. Título

CDD: 230

## *Sumário*

Prefácio .....	9
----------------	---

### PARTE I

#### SENHOR DEUS DA VERDADE

**GORDON H. CLARK**

1. Introdução .....	13
2. John Locke .....	17
3. Tomás de Aquino .....	23
4. Agostinianismo .....	31
5. Sensação .....	39
6. Causalidade e causação .....	47
7. Imaginação .....	53
8. Indução .....	63
9. Senhor Deus da verdade .....	71

### PARTE II

#### DE MAGISTRO

**AURÉLIO AGOSTINHO**

1. O propósito do discurso .....	83
2. O homem só mostra o significado das palavras pelas palavras .....	87
3. Sobre ser possível mostrar alguma coisa sem o emprego de signos .....	91

*Sumário*

4. Sobre se os sinais se mostram com sinais.....	95
5. Sinais recíprocos .....	103
6. Sinais que significam a si mesmos.....	113
7. Resumo dos capítulos anteriores .....	117
8. Não se discutem inutilmente estas questões. Assim, para responder àquele que interroga, devemos dirigir a mente, depois de percebermos os sinais, às coisas que estes significam .....	121
9. Se devemos preferir as coisas, ou o conhecimento delas, aos seus sinais .....	127
10. Se é possível ensinar algo sem sinais. As coisas não se aprendem pelas palavras .....	133
11. Não aprendemos pelas palavras que repercutem exteriormente, mas pela verdade que ensina interiormente .....	141
12. Cristo é a verdade que ensina interiormente .....	145
13. A força das palavras não consegue mostrar nem sequer o pensamento de quem fala .....	149
14. Cristo ensina interiormente, o homem avisa exteriormente pelas palavras.....	153

## *Prefácio*

Aqui, num volume, estão duas obras clássicas sobre o empirismo. A primeira, um ensaio escrito por um norte-americano do século XX, oferece várias razões para acreditarmos ser falsa a doutrina de que o conhecimento é obtido através dos sentidos; a segunda, um diálogo de um africano dos séculos IV e V, oferece várias razões para acreditarmos ser falsa a ideia de que os homens ensinam a verdade uns aos outros. A primeira obra foi publicada pela *The Trinity Foundation* em 1986; a segunda é o clássico *De Magistro* [Sobre o Mestre], escrito por volta de 390 d.C., um diálogo entre Agostinho e seu filho de quinze anos.

Gordon Clark, um pastor presbiteriano, foi o primeiro a admitir que era agostiniano enquanto muitos de seus contemporâneos buscavam inspiração em Tomás de Aquino. Conquanto tenha discordado com veemência de muito do que Agostinho ensinou, Clark devia a Agostinho alguns *insights* centrais em teologia e filosofia. Embora, com a idade e a sabedoria, Agostinho tenha se tornado cada vez mais antiempírico, ele aparentemente nunca abandonou por completo a posição. Clark, por outro lado, nunca adotou o empirismo.

Numa era que está se tornando cada vez mais experimental em todos os campos, os argumentos apresentados por Agostinho e Clark podem parecer exóticos; o fato mesmo de eles argumentarem pode parecer exótico. O encontro pessoal, a

*Prefácio*

experiência mística e sensível e a ação contínua substituíram o argumento, a lógica e a informação revelada como normas e critérios da verdade. Mas, para aqueles que têm buscado se manter imaculados da influência do mundo, esses argumentos podem brilhar como luzes em trevas profundas. Que assim o façam, é certamente a nossa esperança; e também que aqueles que lerem este pequeno livro sejam eternamente beneficiados por ele.

— **John Robbins**  
1º de setembro de 1994

PARTE

Gordon H. Clark

*Senhor Deus*

*da Verdade*





## *Introdução*

Certo comentador da história da filosofia cunhou a frase “Todo homem nasce platonista ou aristotélico”. Se colocarmos isso em linguagem teológica, “Todo homem nasce agostiniano ou tomista”. A escolha entre esses dois é de fundamental importância, pois determina como um cristão tentará defender sua fé contra todos os adversários. Um artista poderia expressar essa ideia pintando um quadro em que Tomás de Aquino, tendo ao fundo uma arquitetura majestosa, estende suas mãos sobre a Terra enquanto seu companheiro Agostinho ergue suas mãos para o Céu. De qual dessas duas direções opostas vem o conhecimento?

Que a epistemologia — o estudo de como o conhecimento é possível — não é estranha à Bíblia, sendo mesmo fundamental, é algo que pode ser indicado breve e inadequadamente, e de maneira introdutória, por alguns versículos aleatórios. Neste momento nenhuma exegese será tentada: o objetivo imediato é coletar apenas alguns blocos de construção que podem ser usados mais tarde na construção de um magnífico edifício. Em seu Evangelho, João fala de Cristo como “cheio de graça e de verdade” (1.14). Mais tarde ele cita Jesus dizendo “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida”. Em 15.26, refere-se ao “Espírito da verdade”. O Antigo Testamento antecipou esses pronunciamentos. Salmos 31.5 diz: “SENHOR, Deus da verdade”. Salmos 43.3 registra a petição “Envia a tua luz e a tua verdade”.

O conhecimento — ou a verdade — é amiúde chamado metaforicamente de luz. Do que podemos citar um versículo pertinente, cheio de significado: “na tua luz, vemos a luz” (Salmos 36.9). João afirma que “Deus é luz” (1 João 1.5); e no seu Evangelho ele cita Jesus dizendo “Eu sou a luz do mundo” (8.12). O que nos faz lembrar de 1.9, onde Jesus é identificado com “a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem”. Este último versículo é de profundo significado para a epistemologia. Esses versículos deveriam alertar todos aqueles que com tanta frequência insistem em dizer que Deus é amor. Ele de fato o é; mas este é precisamente o ponto: se Deus não fosse antes a verdade, ninguém poderia dar crédito a essa outra declaração. A verdade é logicamente anterior ao amor. Assim, as muitas pessoas que pensam que um assunto tão recôndito como a epistemologia — se é que conhecem o termo — tem pouco a ver com o Evangelho são alertadas a tomar cuidado com um ponto cego e exortadas a reafirmar a importância básica da verdade.

A questão é, portanto, a seguinte: como alguém pode conhecer mesmo uma pequena verdade, uma verdade muito menos importante do que Deus é amor? Como o aprendizado é possível? Pode alguém descobrir que Colombo descobriu a América? É possível reconhecer uma árvore? Quem pode determinar se o sal de mesa é cloreto de sódio? Que meios e métodos são necessários para concluir que dois mais dois são quatro, se esse for realmente o caso? Após uma palestra extracurricular para um grupo de universitários, um deles insistiu que poderia facilmente fazer geometria — embora nunca tivesse tido aulas de geometria no ensino médio do seu colégio público incompetente — simplesmente desenhando uma linha no quadro negro. O pobre garoto não sabia que uma linha de giz não é uma linha, mas um objeto tridimensional. É, pelo

menos, como um físico chamaria isso. *Ipsa facto* o estudante não sabia o que é uma linha. Ele pensava que podia ver uma; mas todo mundo deveria perceber claramente que ninguém pode ver algo unidimensional. Como, então, pode um aluno sequer aprender geometria? E tampouco pode alguém ver, ouvir ou provar o número dois. Num instante pode ficar evidente que árvores e rochas também são invisíveis. Claro, esta última afirmação parece estranha, incrível e completamente absurda; mas consideremos os argumentos de alguns filósofos que tentaram basear o conhecimento na sensação.

Há pessoas que não estão interessadas no que os antigos filósofos disseram. Elas não estão interessadas em epistemologia. Elas são “práticas”. Muito bem, deixe-as fabricar automóveis. Elas não estão interessadas na verdade e em como podemos obtê-la. Mas se uma pessoa quer defender o cristianismo dos seus inimigos, ela deve reconhecer que seus inimigos mais efetivos não são os fabricantes de automóveis, mas os cientistas e os filósofos. Madalyn Murray O’Hair<sup>1</sup> não é uma grande ameaça. Mas Aristóteles, David Hume e Immanuel Kant são. G. W. F. Hegel, Søren Kierkegaard e talvez Friedrich Nietzsche fizeram mais estragos do que o alto crítico Julius Wellhausen jamais fez. Portanto, uma apologética cristã séria deve prestar atenção nos estrategistas antes de lidar com o problema dos táticos.

---

1 Madalyn Murray O’Hair era advogada e ativista ateuista norte-americana, uma das fundadoras da *American Atheists* e sua presidente de 1963 a 1986. [N. do T.]

